



# O telemóvel no lugar do

# tecnologia

*Na Suécia, o telemóvel está a substituir o computador como o primeiro aparelho usado para se aceder à Internet. Conversa com três investigadoras do Mobile Life Centre, onde se estuda a omnipresença da informática no quotidiano das pessoas.*

Texto **Isabel Coutinho**, em Estocolmo

**A**s adolescentes suecas, quando respondem a inquéritos sobre a utilização das novas tecnologias, dizem que a última coisa para que olham antes de adormecer é para o telemóvel e revelam que, ao acordar, é também a primeira coisa em que pegam.

Na capital sueca, à volta de uma mesa, várias investigadoras do Mobile Life Centre, do Instituto Interactivo Sueco (que faz pesquisas em novos *media*, combinando arte, design e tecnologia e investiga a omnipresença da informática no quotidiano das pessoas) tentam responder à pergunta: “É ou não um mito que os suecos são *early adapters*, que integram muito rapidamente as novas tecnologias no seu dia-a-dia?”

Esta ideia parece não ser um mito, e factores históricos e económicos terão contribuído para isso. Nos anos de 1980, em zonas do Norte do país, já era normal existir mais do que um telemóvel por família quando no resto da Europa isso não acontecia. Por outro lado, na Suécia não fica caro aceder a dados móveis através do telemóvel e a velocidade da Internet nos dispositivos móveis é bastante rápida.

As estatísticas mostram também que os suecos usam mais o telemóvel do que os norte-americanos. “Não se pode dizer que haja muita diferença na forma como os americanos mais jovens e os suecos se ligam à Inter-

net, mas os suecos acedem mais à Internet através do telemóvel e isso acontece em todas as idades”, explica Annika Waern, investigadora especialista em jogos no Mobile Life Centre do Instituto Interactivo Sueco, que foi criado na Universidade de Estocolmo, em Kista, para se dedicar à investigação na área da computação móvel e ubíqua. “Há estudos que mostram também que as pessoas usam o seu telemóvel para navegar na Internet mesmo quando estão em casa. O telemóvel está a substituir o computador como o primeiro aparelho usado para se aceder à Internet”, acrescenta.

Quando os suecos respondem aos inquéritos destes estudos, consideram o telemóvel mais pessoal do que o computador. Explicam, por exemplo, que podem estar sentados no sofá a consultar mensagens de *email* no telemóvel e estar ao mesmo tempo a ver televisão. Dizem também que os cônjuges não reclamam como reclamariam se estivessem a consultar o *email* no computador.

Mais do que qualquer outra nação, os suecos misturam trabalho com lazer. São dos povos que mais trabalham em casa e já o fazem há muitos anos. “Uma das razões para isso acontecer é o facto de, na Suécia, as tarefas do casal serem mais partilhadas”, explica Sara Ljungblad, investigadora que trabalha no projecto europeu LIREC - Living with Robots and IntEactive Companions e estuda aplicações para câmaras de

telemóveis no Instituto Interactivo Sueco. “Como trabalham ambos fora, têm de ter horários mais flexíveis e arranjar soluções para conseguir tomar conta das crianças.”

Annika Waern concorda. “A rotina diária para quem tem crianças pequenas é muito parecida. Vai-se para o trabalho de manhã, regressa-se a casa perto das 15h30, muito cedo, por causa de se ir buscar as crianças aos infantários. Vai-se para casa arrumar, fazer comida e tratar de tudo para colocar as crianças na cama. A seguir volta-se a trabalhar, desta vez em casa, por duas ou três horas. Eu diria que este padrão é o mesmo, tanto para os homens como para as mulheres suecas.”

## **Ficção sem limites**

Os estudos de mercado também têm mostrado que os adolescentes suecos estão a ver cada vez mais televisão. Em 2007, não era assim. Nessa altura, a Sveriges Television (SVT), a estação de televisão pública sueca, estava a perder audiência entre o público mais jovem, tal como acontecia com as outras televisões. Tentaram encontrar soluções e criar conteúdos que pudessem atrair os jovens, entre os 15 e os 30 anos, e conseguiram-no com a produção *A Verdade sobre Marika*, realizada pela produtora The company P e pela SVT.

É aquilo a que se chama a *cross-media production*, uma produção que cruza vários *medias*. “Construíram a história à volta de uma rapariga que tentava encontrar uma amiga de →

# o computador

# tecnologia

infância desaparecida. Misturaram realidade e ficção e é o que estou a estudar”, conta Marie Denward, que está a fazer a tese de doutoramento *A Verdade sobre Marika*, na Universidade de Malmö. Chamaram-lhe “Ficção sem limites”.

Nesta série de televisão interactiva, o público podia participar e tentar descobrir a solução para o mistério da rapariga desaparecida. Através da consulta de fóruns e salas de *chat*, do GPS, de buscas em motores de pesquisa e de jogos *online* (*alternate reality games*). Mesmo antes de a série começar a passar na televisão, durante meses, as pessoas já podiam participar e jogar. Depois, quando a série começou, contrataram actores que se faziam passar por outras pessoas e criaram polémicas em blogues. Todas as semanas havia um debate na televisão sobre temas ligados à série. “Com esta série e jogo, a SVT quis que as pessoas questionassem a sociedade e que soubessem que não se pode acreditar em tudo o que se vê na televisão”, afirma Marie Denward.

## Revolução anunciada

Foi precisamente nesse ano, em 2007, que o Mobile Life Centre abriu a suas portas. Empresas como a Google ou Apple ainda não tinham entrado no negócio dos telemóveis. Os ecrãs não eram tácteis e as tarifas de serviços de dados não eram acessíveis a todos. Mas no Mobile Life Centre acreditavam que vinha aí uma revolução: que os dispositivos móveis iam ter um papel muito importante no desenvolvimento da Internet e queriam ajudar a indústria das telecomunicações (empresas como a Ericsson, a TeliaSonera e a Nokia) a criar serviços para aquilo que chamam a vida móvel.

“Quando a tendência dos *smart phones* apareceu, as empresas tradicionais de telecomunicações estavam tão obcecadas em usar os telemóveis só como telefones que acharam que não lhes interessava. Agora que o iPhone, da Apple, provou que estavam a ir na direcção errada (pode não ser um bom telefone mas é excelente para se aceder à Internet) e está a vender, estão a mudar, es-

vão perceber”, diz Annika Waern. Sem a entrada da Apple e da Google no mercado das telecomunicações, nada disso teria acontecido.

“Cada dia que passa, a Internet está a cada vez mais móvel. Todos os serviços de Internet vão estar rapidamente disponíveis nos telemóveis e isso vai fazer com que os serviços mudem. O ‘aqui e agora’ vai ser muito relevante. A importância da ligação ao sítio onde nos encontramos, àquilo que estamos a fazer, vai ser muito maior. As pessoas vão produzir conteúdos e colocá-los *online* tendo por base a sua localização”, continua a investigadora.

Já se pode ver isso, por exemplo, num sistema em que as pessoas podem ver fotografias que lhes saltam no ecrã do telemóvel à medida que estão a passar por determinado sítio. Um dos projectos em que estão a trabalhar no Instituto Interactivo Sueco está relacionado com os serviços de localização dos telemóveis e envolve

os *free runners* que fazem acrobacias na cidade. “Eles estão cada vez mais organizados, o movimento saiu da rua e está a tornar-se cada vez mais uma modalidade atlética. Estamos a ajudá-los com instrumentos que os ajudem a rapidamente se localizarem na cidade. E a criar um jogo que ajuda os novatos neste desporto a aprender a treinar sem perigo. No jogo são guiados por atletas que já são praticantes há muito tempo. É ao mesmo tempo uma comunidade, um fórum e um jogo”, continua a investigadora especialista em jogos para telemóveis.

## Telefones com mais capacidade

Como é que no Mobile Life Centre vêem o futuro? Os aparelhos vão ter mais memória e mais capacidade de processamento. Com o recurso à rede 3G, ao Wi-fi e ao Bluetooth, o telemóvel fica ligado a outros aparelhos mas também a tudo o que existe na rede e as aplicações que descarregamos actualmente para os *smart-phones* estarão no futuro guardadas algures na Web.

Sara Ljungblad, que trabalha num projecto da União Europeia para a integração de robôs na vida das pessoas (por exemplo, na criação de braços robotizados para os doentes que não conseguem comer sozinhos), acredita que no futuro vamos ter uma sociedade mais criativa. E dá um exemplo: “Num futuro próximo, não será preciso ser-se um perito em programação informática para se saber programar para telemóveis. Qualquer pessoa, sem muitos conhecimentos de informática, vai ser capaz de o fazer.”

Quando a Internet surgiu, há décadas, nem todas as pessoas sabiam lidar com ela. Actualmente, todos sabem usá-la e é cada vez mais fácil criar conteúdos. Pensam como é fácil criar um blogue. No futuro, essa simplicidade e facilidade vai acontecer na programação de aplicações para dispositivos móveis. ●

[icoutinho@publico.pt](mailto:icoutinho@publico.pt)

*A Pública viajou a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros Sueco*

**Num futuro próximo, diz Sara Ljungblad, não vai ser preciso ser-se especialista para se programar um telemóvel**



RUI GAUDÊNCIO